

Análise Fílmica: 1984 – Michael Radford

ANDRÉ LOPES APUDE¹
CAIO RAMPAZZO CAVALCANTI²
JULIANA MACEDO DE ARAÚJO³
MURILO CESAR DA SILVA⁴
RAPHAELA TELES DE OLIVEIRA⁵

ANA MARIA DIETRICH⁶

1

“ Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.”

George Orwell

Sinopse: Um homem perde sua identidade vivendo sob um regime repressivo. Nesta história baseada no clássico de George Orwell, Winston Smith (John Hurt) é um funcionário público cuja função é reescrever a história de forma a colocar os líderes de um país fictício sob uma luz positiva. As escapadelas românticas com Julia (Suzanna Hamilton) proporcionam sua única fonte de distração, mas os políticos desaprovam o relacionamento. Numa sociedade monitorada de perto, não há como escapar do Grande Irmão.

¹ Discente do Bacharelado em Políticas Públicas - UFABC

² Discente do Bacharelado em Políticas Públicas - UFABC

³ Discente do Bacharelado em Políticas Públicas - UFABC

⁴ Discente do Bacharelado em Políticas Públicas - UFABC

⁵ Discente do Bacharelado em Políticas Públicas - UFABC

⁶ Orientadora e docente da Universidade Federal do ABC

INTRODUÇÃO

George Orwell (figura 1), autor do livro, é o pseudônimo de Eric Arthur Blair (1903 - 1950), ex-policia, escritor romancista, cronista, jornalista e crítico político. A obra foi escrita entre 1946 e 1948 e publicado em 1949, um ano antes da morte do autor. O autor é contemporâneo aos governos totalitários de Adolf Hitler na Alemanha (1933-1945); Joseph Stalin na URSS (1924 - 1953); Benito Mussolini na Itália (1922 - 1943); General Francisco Franco na Espanha (1936 - 1975) e; Hirohito, Imperador Showa no Japão (1926 - 1989).

Ao contrário do que se dissemina no senso comum, Orwell não elaborou a obra como uma crítica ao socialismo, mas a toda forma de autoritarismo, uma vez que, como mostra Aaronovitch, a obra é uma denúncia às distorções que qualquer regime político possa vir a sofrer. Ele era crítico ao regime da União Soviética no comando de Joseph Stalin. O próprio Orwell se declarava um socialista democrático e tinha proximidades ideológicas com o Partido Trabalhista Inglês. Entre 1936 e 1937, Orwell foi soldado voluntário do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista) - (figura 2), que lutaram contra o golpe militar na Guerra Civil Espanhola, deflagrada pelo exército espanhol contra a Segunda República Espanhola, liderada pelo General Francisco Franco, com apoio de Hitler e Mussolini.

O longa-metragem, dirigido e roteirizado pelo diretor britânico Michael Radford, é uma adaptação ao livro homônimo de George Orwell. Produzido no ano de 1984, ano marcante por ser exatamente o ano em que a história acontece. Essa foi a segunda adaptação do livro ao cinema, a primeira vez em 1956.

CONCEITOS

Tipologia Clássica

A tipologia clássica apresentada por Bobbio se dá através da tripartição das formas de governo com respeito ao número de governantes. Essa tipologia foi usada para além de Platão contendo certas especificidades conceituais (Rousseau, Locke, Bodin, Hobbes etc.).

Ver figura 12

O que é democracia para os clássicos

Para os clássicos o poder soberano emanava do povo, da maioria. Existiram muitas críticas em relação a essa forma de governo, principalmente em detrimento das demais tradicionais. É importante ressaltar que a democracia a qual os pensadores clássicos se referem é a direta, em que todos os cidadãos podem participar diretamente no processo de tomada de decisão através das assembleias gerais.

Dentre os pensadores clássicos existiram aqueles que eram antidemocráticos. Platão irá dizer que é uma forma de governo degenerada e que existem graus de degeneração (timocracia, oligarquia, democracia, tirania). A oligarquia é o governo dos ricos e a democracia é o governo dos pobres contra os ricos (o que configura a maioria da sociedade). Ele diz que o homem democrático não tem freios morais nem políticos.

Para Hobbes, o fim último do Estado é paz e ordem, diante disso, ele também fará sua crítica à democracia. Para ele, a assembleia popular é incompetente, demagógica, os partidos não são capazes de absorver a vontade coletiva e modificam com rapidez as leis, além de constituírem um governo transparente e não deixarem que haja segredos; maior corrupção, menor segurança; ele dirá que tanto mal não compensa a liberdade.

Os defensores clássicos da democracia, como Péricles, argumentam que a democracia é um governo que não é a favor de poucos, mas de muitos; a lei é igual para todos, tanto para ricos quanto para pobres e, portanto, é um governo de leis, escritas ou não, e não de homens; a liberdade é respeitada, seja na vida privada ou na vida pública.

A teoria política contemporânea, porém, adotou bipartição (democracia e autocracia). Ambas são repúblicas e elas são classificadas entre maior ou menor grau de liberdade política. Ou seja, quem faz as leis?

Kelsen contribui para a distinção dessas duas formas de governo:

- **Democracia:** leis feitas por aqueles aos quais elas se aplicam, isso configura um regime em que os governados defendem o seu direito de não serem oprimidos e o dever dos governantes de emanarem leis justas.

O problema é de que o Estado pode agir em prejuízo da liberdade dos singulares.

Solução: a figura do governante não se separa da figura do governado, sou o representante, mas também o representado.

- **Autocracia:** Os que fazem as leis são diferentes daqueles para quem elas são destinadas, isso configura os governantes que dizem ter o direito de comandar e os súditos o dever de obedecer. Um único governante tem controle absoluto e ilimitado em todos os níveis do Estado. Não considera a legitimidade de quem está no poder.

Problema: a liberdade de singulares pode agir em prejuízo da unidade.

Após as revoluções francesas e americanas o argumento a favor da democracia se fortalece e se difunde. O aumento na extensão dos direitos políticos, participação das pessoas em eleições para eleger seus representantes e a formação da vontade coletiva tem mostrado que cada vez mais que o homem deve decidir sobre a própria vida individual e coletiva. A avaliação positiva da democracia em contraposição a autocracia deriva de dois argumentos principais:

- 1) Político – quem detém o poder tende a abusar dele. Diante desse argumento, a democracia limita poderes, ou seja, o povo não pode abusar do poder contra si mesmo.
- 2) Utilitarista: melhores representantes dos interesses coletivos é a própria coletividade.

A democracia dos modernos

Com a formação dos grandes Estados territoriais o então argumento clássico contra a democracia se apoiava na ideia de que só era possível aplicá-la em Estados muito pequenos, em que todos seriam capazes de se comunicar e se conhecer. Nessa época nascia os Estados Unidos da América. Um Estado de grande extensão, que adotava como regime uma república, a qual os federalistas deixaram bem claras as diferenças da democracia dos antigos, ou seja, o governo representativo, a democracia indireta que é o oposto de todas as novas e velhas formas de autocracia. Madison irá definir a república como a ação governativa a um pequeno número de cidadãos eleitos pelos outros” com poder de ampliar a sua influência sobre um maior número de cidadãos e sobre uma maior extensão territorial”

O essencial a democracia representativa é que o princípio da soberania popular é o que deve prevalecer.

Democracia representativa e democracia direta

Após a primeira guerra mundial, as tipologias tradicionais de formas de governo vão se simplificando e reduzindo, assim que os Estados representativos vão se multiplicando e se consolidando nos países europeus (através de movimentos constitucionais, do alargamento do direito de voto até o sufrágio universal masculino e feminino, formação dos partidos de massa).

Embora consolidada, a democracia representativa não impediu que os defensores da democracia direta desaparecessem. Esses acreditam que a democracia direta é a verdadeira forma de democracia e que a sua forma indireta não representa uma inevitável adaptação do princípio da soberania popular as necessidades dos grandes Estados, mas sim um desvio errôneo da ideia original do governo do povo.

Relação entre 1984 e os conceitos apresentados em aula [Norberto Bobbio e totalitarismo)

É importante entender os conceitos da democracia direta na época dos clássicos, pois podemos fazer um paralelo em relação às críticas à democracia aos argumentos que muitos usam com o intuito de deslegitimar a democracia representativa hoje. Hobbes mesmo irá dizer que os partidos não são capazes de absorver a vontade coletiva e que a corrupção é mais expressiva nesse regime e, portanto, não vale a pena a liberdade. No caso do regime do Grande Irmão, a liberdade é a escravidão e a partir disso, a segurança dessa sociedade se justifica através do monitoramento constante por câmeras de vigilância, tanto no público, quanto no privado.

Ainda há de se considerar a conceituação das formas de governos da ciência política moderna. A tipologia tradicional foi simplificada e deu lugar a dicotomia democracia-autocracia como formas de governo. Mas com o tempo o termo tecnicamente mais correto “autocracia” foi sendo nomeado por ditadura. Hoje essa nova dicotomia está generalizada e chama-se de ditadura todos os governos que não são democráticos.

Em “1984” os governados eram regidos por três princípios: “guerra é paz”; “liberdade é escravidão” e “ignorância é força”. Ou seja, esses princípios sequer poderiam ser questionados e muito menos foram escolhidos por eles. Não poderíamos considerar uma forma de governo autocrático ou ditadura porque em princípio eles objetivam sanar os males da sociedade, ou seja, os ditadores com o controle do poder acabam beneficiando

a classe que o apoia no poder, deixando de lado os pobres na maioria das situações.

Ainda, a autocracia não considera a legitimidade de quem detém o poder, assim como regimes autoritários/totalitários. Portanto, o regime presente no filme é melhor representado pelo totalitarismo.

O totalitarismo é caracterizado por: a) ideologia oficial (“guerra é paz”; “liberdade é escravidão” e “ignorância é força”); b) sistema de partido único, dirigido por um líder (O Partido liderado pelo Big Brother); c) controle policial da manifestação política exercido pelo Estado (Polícia do Pensamento); concentração dos meios de propaganda no Estado (teletelas ligadas o dia todo); e) concentração dos meios militares; f) direção estatal da economia.

A ditadura ou autocracia é uma forma de governo em que o poder político é exercido independentemente de limitações constitucionais ou da participação do povo na escolha ou das deliberações dos governantes, o que difere do totalitarismo. O totalitarismo é uma concepção global do Estado que não admite a supremacia individual sobre o social. Exaltando apenas a totalidade dos indivíduos.

O longa-metragem em questão, 1984, dialoga com o pensamento político de Hannah Arendt, notadamente aquele expresso na obra intitulada *Origens do Totalitarismo*.

Em abono ao exposto, cabe registrar que Hannah Arendt tratou sobre o processo contínuo de reeducação social ou *remodulação* nos seguintes termos:

“O modo de lidar com os oponentes era a ‘retificação do pensamento’ um complicado processo de constante moldagem e remoldagem dos espíritos, ao qual aparentemente quase toda a população estava sujeita. Nunca soubemos muito bem como isso funcionava na vida de cada dia e quem era isento - isto é, que procedia à ‘remodulação’ dos outros -, e não tínhamos a menor ideia dos resultados da ‘lavagem cerebral’, se era duradora e se realmente produzia mudanças de personalidade” (2000, p. 341).

Ainda sobre a manipulação, Hannah Arendt assentou que:

“O totalitarismo não procura o domínio despótico dos homens, mas sim um sistema em que os homens sejam supérfluos. O poder total só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade. Exatamente porque os recursos do homem são tão grandes, só se pode dominá-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana” (2000, p. 507).

Destarte, nas obras em comento, resta explicitado o empenho dos regimes

totalitários na massificação social.

Ademais, as obras em alusão também convergem quanto à criação pelo regime autoritário do “inimigo interno”, instrumento utilizado para aglutinar a sociedade. A propósito, não se pode olvidar que no preâmbulo da Constituição Federal de 1937, outorgada por Getúlio Vargas quando do *autogolpe*, o constituinte se valeu da figura do “inimigo interno” (Anexo 1)

LEITURA CINEMATOGRAFICA

Como a história foi contada

O ano, é 1984, a história se passa em um mundo dividido geopoliticamente por 3 superestados (figura 3), Oceania, Eurásia e Lestásia, em constante guerra e disputa por territórios entre eles. A história gira em torno de Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade (Miniver em novilíngua), que atua na área de reescrever o passado, um dos 4 Ministérios do partido, ele mora em Londres, na Pista de Pouso nº1 (Antiga Grã-Bretanha), pertencente ao superestado de Oceania.

O partido que se comanda o superestado se chama IngSoc (Socialismo Inglês em novilíngua) - (figura 4). O regime é totalitarista, não há lei, pois não há individualidade, cada membro da sociedade é uma célula do partido. o líder do partido IngSoc é conhecido como o Grande Irmão (Big Brother) - (figura 5). Seu slogan é:

“Guerra é paz - Liberdade é escravidão - Ignorância é força”

O slogan é baseado no duplipensar, uma forma de pensar onde ambos a construção lógica do pensamento impede a contradição. Onde duas ideias que, tidas como antagônicas, são tidas como ambas verdadeiras na mente, e na medida da situação, uma sobrepõe a outra conforme a conveniência, impedindo que o partido seja considerado errado em suas ações.

A estrutura burocrática do IngSoc é dividida entre quatro ministérios:

a - Ministério da Verdade (ou MiniVer, em novilíngua)

Responsável por corrigir e alterar o passado, de acordo com as demandas do partido, alterando os documentos, jornais, e o inconsciente coletivo a ponto de estabelecer uma linha histórica onde as decisões do partido sempre obtiveram sucesso. O MiniVer também desenvolveu a novilíngua, uma estrutura gramática e fonética que está excluindo palavras do vocabulário, a ponto de não ser mais possível à população formular frases

que criticam o regime.

b - Ministério da Paz (MiniPaz, em novilíngua)

Responsável pela guerra e sentimento constante de guerra contra algum dos outros dois superestados, no filme, Oceania está em guerra contra a Eurásia e tem como aliada a Lestásia, e, conforme a revisão do passado pelo Miniver, sempre foi assim.

c - Ministério da Fartura (MiniFarta, em novilíngua)

Responsável por manter a fome em constante estado de fome. Junto com o Miniver, divulgam constantemente que à abundância de itens para a população. mantendo o controle da sociedade hierárquica. Os alimentos naturais estão sendo substituídos por alimentos processados.

d - Ministério do Amor (MiniAmor, em novilíngua)

Responsável por espionar a população, pelo sentimento de ódio, através do programa diário “dois minutos de ódio” (figura 6), onde mostra o fundador-desertor Goldstein e suas teorias contra o IngSoc, são apresentadas diariamente, no papel de traidor, ao lado do inimigo externo, os Eurasianos, através de imagens de ódio, de guerra, de destruição. Também é responsável por corrigir o pensamento desviante da população que comete crimes mentais, através de tortura e lavagem cerebral. No MiniAmor também existe a Polícia do Pensamento, que combatem os crimes de ideias subversivas ao partido e ao regime. Outro instrumento de controle da população usado pelo partido é a teletela, que transmite, filma e ouve a todos os cidadãos e está presente na casa de toda a população.

Ação

A população de Oceania vive em constante estado de atenção à guerra que há entre os superestados, De acordo com a nota oficial atual do MiniVer, Oceania sempre esteve em guerra com a Eurásia e sempre foi aliada da Lestásia.

Em um canto da sala, onde não pode ser visto pela tele tela, Winston Smith passa a escrever em seu diário, adquirido de forma ilegal no bairro dos proletários, pensamentos e questionamentos sobre o poder absoluto e opressor do partido. Através de suas visitas ao bairro dos proletários, acaba cruzando com Julia, outro membro do partido e no qual acabam se envolvendo de forma clandestina.

Personagens

Além de Winston Smith (figura 7) (protagonista e anti-herói), há outros quatro personagens em destaque no filme:

Julia (figura 8) (coadjuvante, anti-heroína e par romântico) - Membro do partido externo que se envolve sexualmente com Winston e, juntos, passam a praticar crimideias.

O'Brien (figura 9) (antagonista e vilão) - Membro do Alto Partido que, ao perceber uma tendência desviante de Winston, passa a persuadi-lo a crer que ele também é uma pessoa que conspira contra o partido, conquistando então a confiança do protagonista e então denunciá-lo.

Grande Irmão (figura 10) (símbolo do líder) - Tido como fundador do partido, junto com Goldstein, ele nunca é visto em público, mas é o rosto do IngSoc, ele está presente em cartazes e também na tele tela, sempre estático, atento e observando a todos.

Emmanuel Goldstein (figura 11) (traidor do partido e inimigo interno) - Outro fundador do partido, que se rebelou contra a forma opressora que o partido se tornou, é a contraposição do Grande Irmão, é tido como o traidor e inimigo interno do partido.

Ritmo

Por ser um filme de que se enquadra em múltiplos-gêneros cinematográficos (drama, ficção científica e romance) adaptado de um livro cujo o gênero principal é ficção científica utópica e distópica, o ritmo do filme busca obedecer ao estilo de escrita da obra literária. O filme possui algumas modificações e cortes, abordados aqui na análise, que se deram pela necessidade de adaptação do conteúdo existente ao se lidar com a transição da linguagem cinematográfica para literária (entretanto, não é nada que interfira de forma brutal na compreensão total da história ou tampouco seus rumos, em exemplo, as teletelas presentes no livro ganharam um ar de televisão, de onde não saiam mais, apenas, vozes, mas também eram expostas imagens em movimento). A influência do contexto da época e, principalmente, a força das ferramentas oferecidas pelo cinema, completamente diferentes das ferramentas literárias, fazem com que o conteúdo do filme se diferencie em alguns momentos do que é observado no livro, porém a essência da história, os personagens, acontecimentos e componentes da narrativa permanecem os mesmos.

Dentro deste contexto, notam-se os paralelos, sendo o principal a diferença que pode ser observada logo no início do filme: a inexistência de um narrador. No livro há a

presença de uma terceira pessoa, onipresente e onisciente, que nos conta a história, mas que não faz parte dela. O filme se desenrola apenas com os diálogos, pensamentos e anotações de Winston. Na obra de Radford quem exerce o papel de narrador, revelando as características dos personagens, descrevendo detalhadamente as cenas, percorrendo os vários cenários é a própria câmera. Ela representa os olhos do espectador na trama, assim como o narrador cumpre este papel no livro, onde os cortes e enquadramento não têm objetivo de ritmo mais acelerado ao filme, mas sim trazer o telespectador para o enredo e fazer com que ele vivencie os sentimentos dos personagens.

Recursos

Há ainda demasiado uso de *flashbacks* quando se trata das recordações ou sonhos do personagem principal e grande atenção ao escapismo de Winston a “Golden Country”, seguidos de *flashforwards* direto para o contexto de “atualidade”. Muitas das cenas também contam com um over shoulder traseiro de Winston, evidenciando que o nosso olhar naquele momento é o mesmo olhar dele.

O filme em grande parte utiliza de *planos gerais* - onde há o plano panorâmico da cena, permitindo que o cenário ganhe papel importante para a sua compreensão, oscilado com momentos de planos detalhes - onde enfoca um detalhe mínimo, muitas vezes de maneira que não se consegue reconhecer o objeto ou atribuir importância a este em um primeiro momento. Cria um sentido de mistério e surpresa quando o tema é revelado, trata-se de um plano de impacto visual e emocional, mostrando uma parte essencial do assunto, às vezes criando uma imagem abstrata. Utiliza-se também de *close-ups* associados a *plongées* e a *contra-plongées*: Nas cenas de tortura, o carrasco aparece sempre sob a ótica de uma *contra-plongée* (enquadrado de baixo para cima), este ângulo evidencia a superioridade da figura deste perante a figura de Winston, além de também passar a ideia de potência e coloca o espectador na posição do torturado. Já Winston é sempre visto de cima para baixo (*plongée*), o que transmite a ideia de recuo, contração, medo, dor e submissão.

No que se refere à transição entre tomadas se destacam o uso recorrente do *straight cut* - que ocorre quando a passagem de um plano a outro se dá sem qualquer estado intermediário; e o uso de *superimpose*, que é quando dois planos (isto é, duas imagens captadas de forma independente) coexistem na tela durante algum tempo. A imagem, cor

e música atreladas ao cenário ganham ainda papel fundamental nesta obra: Rapidamente se estabelece a diferença do que é real e do que é lembrança ou imaginação e esta distinção se torna compreensível para o espectador através da criação de uma padronização de cenas e, num primeiro momento, mostrar o que aquele padrão irá dizer durante todo o filme, depois se torna dispensável incluir cenas posteriores que reforcem o conteúdo. É isto que Radford fez com as cenas que remetiam ao mundo dos pensamentos, criou uma padronização na linguagem, que envolve estes elementos de maneira harmônica e intrínseca.

Imagem, cor e cenário

A fotografia do filme é baseada na técnica de Bleach Bypass, que consiste em uma espécie de lixiviação da película que a branqueia consideravelmente e a deixa com uma tintura prateada, mais ou menos como se sobrepuséssemos uma imagem preto e branco a uma colorida na intenção de obter menor saturação e maior contraste, assim, o mundo que retratado no filme não perde suas cores originais mas tudo está fortemente mergulhado em uma sensação de hiper-realidade onde se destaca a miséria, os destroços, a ferrugem, a sujeira dos cômodos particulares e oficiais e os traços nos rostos dos personagens, sendo assim responsável por grande parte da composição da alegoria cenográfica.

Durante o audiovisual, quando se trata de cenas passadas no Partido, os ambientes são sempre escuros, cinzas, remetendo ao concreto, às edificações erguidas por uma força política totalitária, ao local insalubre. Inexiste a natureza, não se vê flores, árvores ou coisas relacionadas à natureza, a iluminação é artificial e escassa e a única grande luz que se vê é a luz que surge das tele telas. Quando as cenas estão retratando os sonhos de Winston, observa-se o oposto, a cena é colorida e clara, iluminada pela luz do sol e onde se vê um lindo descampado verde com árvores que têm suas folhas balançadas pelo vento. Há também outros momentos mais intensos de desespero visual, como todas as cenas de tortura de Winston ou o escurecimento progressivo das repartições de seu trabalho. Assim como os encontros sexuais, comida e reflexão entre Winston e Julia apresentam maior intensidade de luz; no primeiro caso, com um pouco mais de felicidade (luz amarela) e o no segundo caso, com um pouco mais de separação da escuridão local (luz branca).

De modo imperativo, a opressão é magnificamente representada pela

grandiosidade dos cenários em comparação com a “pequenez” das personagens (muito em parte pela escolha de planos de filmagens).

Figurino

O figurino é relativamente simples, composto em grande parte por uniformes, seja do lado do Partido, seja do lado subordinado. Tal artifício promove clara distinção entre as classes assim como nos dá a ideia de “massificação”, ao que tira a individualidade das personagens, colocando-os como semelhantes aos seus grupos.

Trilha sonora e sonoplastia

Para criar um padrão que fizesse o espectador associar, sempre que se deparasse com a cena, a um sonho ou lembrança, Radford criou um casamento Imagem + Som. Sempre que a cena se trata de um pensamento, há a cena descrita acima ancorada a uma trilha dramática. Com a repetição deste padrão, chega uma hora em que o espectador começa a ouvir a música e já associa à imagem e, automaticamente, aos sonhos e lembranças. Algo que é importante ressaltar nas cenas dos pensamentos é que a padronização da cena começa sempre com a porta abrindo-se sozinha para Winston, está cena se repete por muitas vezes, porém, quando Winston começa a descobrir e reparar na verdade por trás das mentiras e manipulações do Partido, a porta deixa de abrir-se para ele e o próprio personagem passa a abri-la, a atitude de abrir a “Porta para a Liberdade” começa a partir dele, ele está tomando frente no que diz respeito a sua liberdade, é a liberdade de pensamento. Há também uso excessivo de ruídos e sons guturais, tal qual gemidos.

TRECHOS DOS FILMES

O roteiro foi dividido, seguindo a Teoria de Syd Field, em três atos centrais. Cada ato representa uma seção essencial do longa.

No primeiro ato é anunciado Winston, o personagem principal, e sua rotina envolvendo trabalho, as obrigações do Partido (como o Minuto de ódio), e seu contexto histórico e social. Revela-se também que Winston mantém em casa um diário ilegal cuidadosamente fora do alcance da tele tela, onde ele questiona as diversas contradições do Partido, encontradas tanto nas informações das tele telas quanto em seu trabalho no Miniver. Neste trecho, há algumas poucas e curtas cenas de interação entre Winston e Julia, que servem de pretexto para o primeiro plot.

O primeiro plot apresenta Julia como uma nova companheira para Winston, a partir de um bilhete que ela lhe enviou, onde se lia “eu te amo”. Tal fato representa uma mudança brusca no foco do filme, cujo foco passou ao relacionamento dos protagonistas.

O segundo ato, conseqüentemente, foca na rebeldia conjunta dos dois no contexto social, pela primeira vez, sob a ótica das personagens, e nos privilégios que antes eram reservados somente ao núcleo do Partido, como privacidade, açúcar, café e pão “de verdade” (pois os que eles antes tinham acesso eram imitações processadas).

Há ainda um midpoint onde a situação rebelde torna-se favorável, quando O’Brien, um membro do núcleo do Partido, secretamente se revela a Winston um membro da Resistência.

O segundo plot culmina na prisão de Julia e Winston pelo Partido e introduz o último ato do filme, onde O’Brien se revela do partido e tenta, através de torturas físicas, promover uma lavagem cerebral em Winston. Nesse trecho são explicados os mecanismos de dominação do Partido e os artifícios de manutenção dessa hierarquia.

Enfim, o clímax consiste na Sala 101. Esta cena se constrói ao longo do filme, pois desde o início são mostrados flashes envolvendo sonhos e devaneios com Julia e com O’Brien neste local, mas sem identificar propriamente o que haveria no seu interior. A sala constitui-se de uma cadeira, e é apresentada por O’Brien como “a pior coisa do mundo”. Como o medo é relativo para cada indivíduo, o filme também constrói a noção de medo de Winston, relacionando cenas da morte de sua mãe aos ratos, que são usados em sua tortura agora. Porém, apavorado, o protagonista entrega Julia, o que simboliza o fim da humanidade nele, anteriormente representada pelo amor.

O desfecho do filme se passa num café, onde Winston e Julia casualmente se encontram, já libertos, e têm uma breve conversa, claramente transformados pela terapia de O’Brien, onde ambos revelam que entregaram o outro ao Partido. Por fim, a perda da liberdade é expressada de duas formas. Primeiro, o protagonista escreve distraído “ $2+2=5$ ”. Essa alusão remete ao caderno secreto de Winston, onde ele escreveu que “liberdade é poder dizer que $2+2=4$ ”, que é uma ideia fortemente confrontada nas torturas. Segundo, após um pronunciamento do Grande Irmão, maior figura do Partido, Winston se emociona e diz que ama o líder, o que representa a eficácia do processo de lavagem cerebral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação da obra clássica de George Orwell, roteirizada e dirigida por Michael Radford consegue trazer a densidade dos elementos e símbolos desenvolvidos em 1984 para retratar a distopia de viver em uma sociedade de controle absoluto do Estado, que busca destruir cada parcela da individualidade dos seus membros. Traz para o cinema o papel de denunciar o que a humanidade vivenciou com as ditaduras da primeira metade do séc XX na Europa e na Ásia, e, como a história tende a se repetir, com as ditaduras instaladas em países da América e da África na segunda metade do século passado.

A composição cinematográfica, o ritmo lento, a cenografia, iluminação, tratamento de cores e figurino, todos convergem em plena sintonia para transmitir uma sensação de aflição e uma atmosfera pesada na qual o protagonista vive e representa esteticamente, de maneira clara e concisa, o que todo o arcabouço político-filosófico é discutido.

O filme, assim como o livro, ainda é atual e traz a tona uma série de assuntos que estão em debate nos dias de hoje, o controle de informação, a constante sensação de guerra entre povos, o ódio e a intolerância construída contra o cidadão estrangeiro, o uso de tecnologias para espionagem, a substituição de alimentos naturais por artificiais, para excluir os prazeres da população, denunciadas tanto em sociedades democráticas, quanto em sociedades ditatoriais. O que faz dele um alerta a conquistas políticas históricas, como a democracia, a liberdade, o direito à individualidade, que a humanidade conquistou ao longo de séculos de luta e sangue.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONOVITCH, David. "1984: George Orwell's Road to Dystopia." BBC News 8 Feb. 2013. <<http://www.bbc.com/news/magazine-21337504>> acessado em 14/10/17

ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BOBBIO, Norberto. Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BOBBIO, Noberto; PASQUINO, Gianfranco & MATTEUCCI, Nicola. Dicionário de Política. 2ª edição. Brasília: UnB, 1986.

BRASIL. Constituição (1937) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 14 out.2017.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

ORWELL, George. Lutando na Espanha: Homenagem à Cataluã, Recordando a Guerra Civil Espanhola e outros escritos. São Paulo: Editora Globo. 2006.

ROZZO, Fernando. A Linguagem Narrativa do Cinema e da Fotografia: “ Os Planos e Cortes de Cena”. Blog eMania. Set.2015. Disponível em: <<https://blog.emania.com.br/linguagem-narrativa-do-cinema-fotografia-planos-de-uma-cena/>>. Acesso em 13 de out 2017.

SILVA, Maria Beatriz Barros da. A Distopia Contemporânea de George Orwell: 1984

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL

RADFORD, Michael. 1984 (Nineteen Eighty Four). Inglaterra; 1970. MGM. 110min.

ANEXOS

FICHA TÉCNICA

Duração

110 minutos

Gênero

Drama; Ficção Científica; Romance

Direção

Michael Radford

Elenco

John Hurt , Richard Burton , Suzanna Hamilton , Cyril Cusack , Gregor Fisher , James Walker , Andrew Wilde , John Boswall , Bob Flag

Produção

Simon Perry

Fotografia

Roger Deakins

Música

Dominic Muldowney

Montagem

Tom Priestley

Design de Produção

Allan Cameron

Figurino

Emma Porteous

Roteiro

Michael Radford

Adaptação do livro 1984 - George Orwell

Premiação

BAFTA

1985

Indicação: Melhor Direção de Arte

FESTIVAL DE VALLADOLID

1984

Ganhou: Melhor Ator - John Hurt e Richard Burton

Anexo 1: Preâmbulo da Constituição de 1937

“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL,
ATENDENDO às legítimas aspirações do povo brasileiro à paz política e social, profundamente perturbada por conhecidos fatores de desordem, resultantes da crescente a gravação dos dissídios partidários, que, uma, notória propaganda demagógica procura desnaturar em luta de classes, e da extremação, de conflitos ideológicos, tendentes, pelo seu desenvolvimento natural, resolver-se em termos de violência, colocando a Nação sob a funesta iminência da guerra civil;
ATENDENDO ao estado de apreensão criado no País pela infiltração comunista, que se torna dia a dia mais extensa e mais profunda, exigindo remédios, de caráter radical e permanente;
ATENDENDO a que, sob as instituições anteriores, não dispunha, o Estado de meios normais de preservação e de defesa da paz, da segurança e do bem-estar do povo;
Sem o apoio das forças armadas e cedendo às inspirações da opinião nacional, umas e outras justificadamente apreensivas diante dos perigos que ameaçam a nossa unidade e da rapidez com que se vem processando a decomposição das nossas instituições civis e políticas;
Resolve assegurar à Nação a sua unidade, o respeito à sua honra e à sua independência, e ao povo brasileiro, sob um regime de paz política e social, as condições necessárias à sua segurança, ao seu bem-estar e à sua prosperidade, decretando a seguinte Constituição, que se cumprirá desde hoje em todo o País: [...]” (grifado)

17

Figura 1: George Orwell



Fonte: george-orwell.org

Figura 2: O soldado voluntário George Orwell durante a guerra civil espanhola - 1937



18

fonte:george-orwell.org

Figura 3: Mapa da divisão geopolítica de “1984”



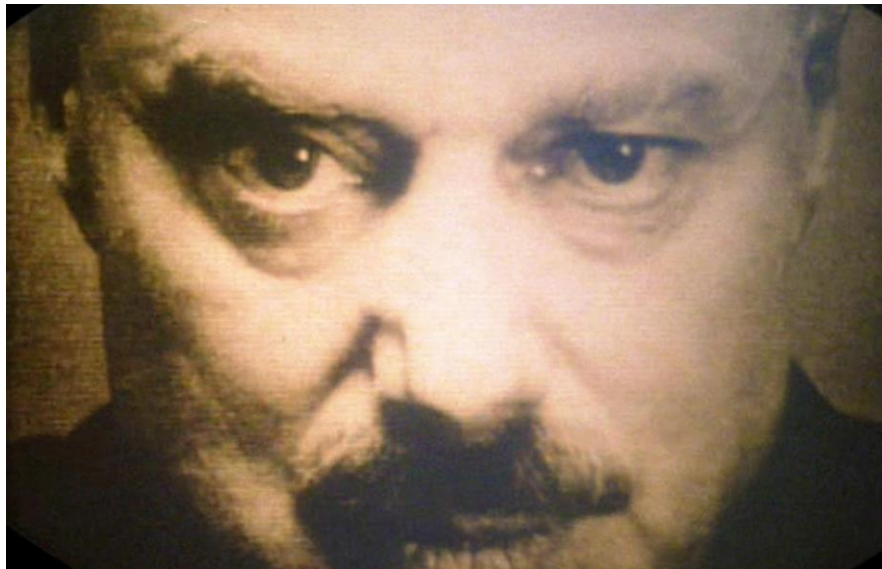
Fonte: SILVA, Maria Beatriz da.

Figura 4: Logotipo do Partido Socialista Inglês -- IngSoc



fonte:george-orwell.org

Figura 5: O Grande Irmão (The Big Brother)



Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 6: Dois Minutos de Ódio



Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 7: Winston Smith



Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

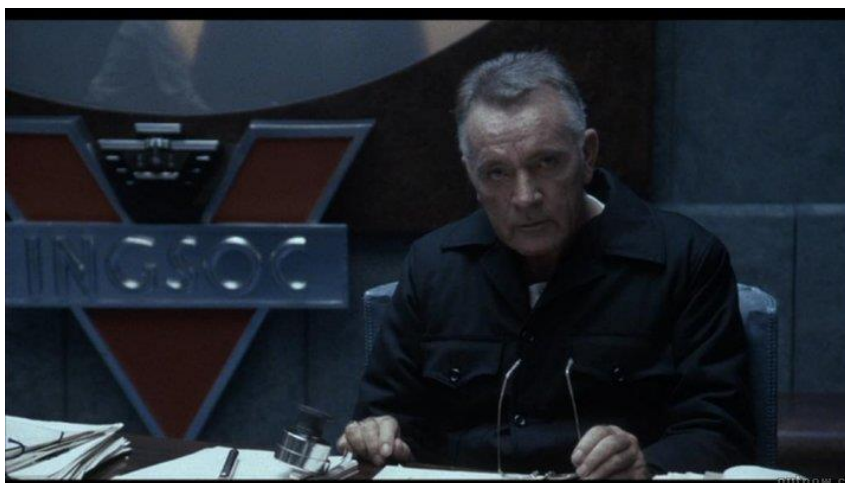
Figura 8: Julia



21

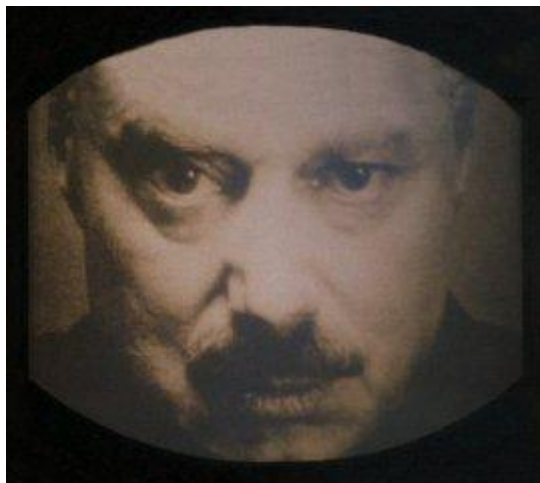
Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 9: O'Brien



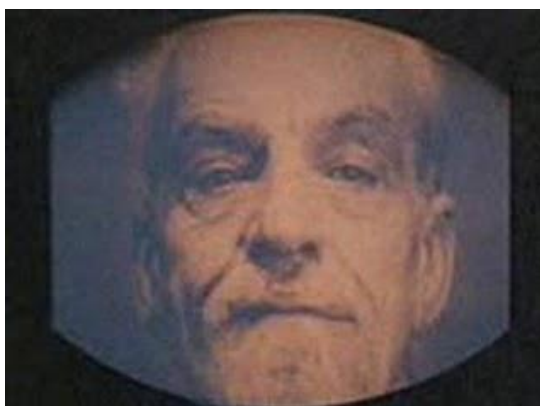
Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 10: O Grande Irmão



Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 11: Emmanuel Golstein



Fonte: Filme Nineteen Eighty Four

Figura 12: Tripartição dos poderes

Aristóteles		
Formas Puras (interesse comum)		Formas Impuras (interesse de um só)
Governo de um só	Monarquia	Tirania
Governo de vários	Aristocracia	Oligarquia
Governo da multidão	Democracia	Demagogia

Figura 13: Exemplos de enfoques - A e B



Figura 14: Exemplo de enfoque C

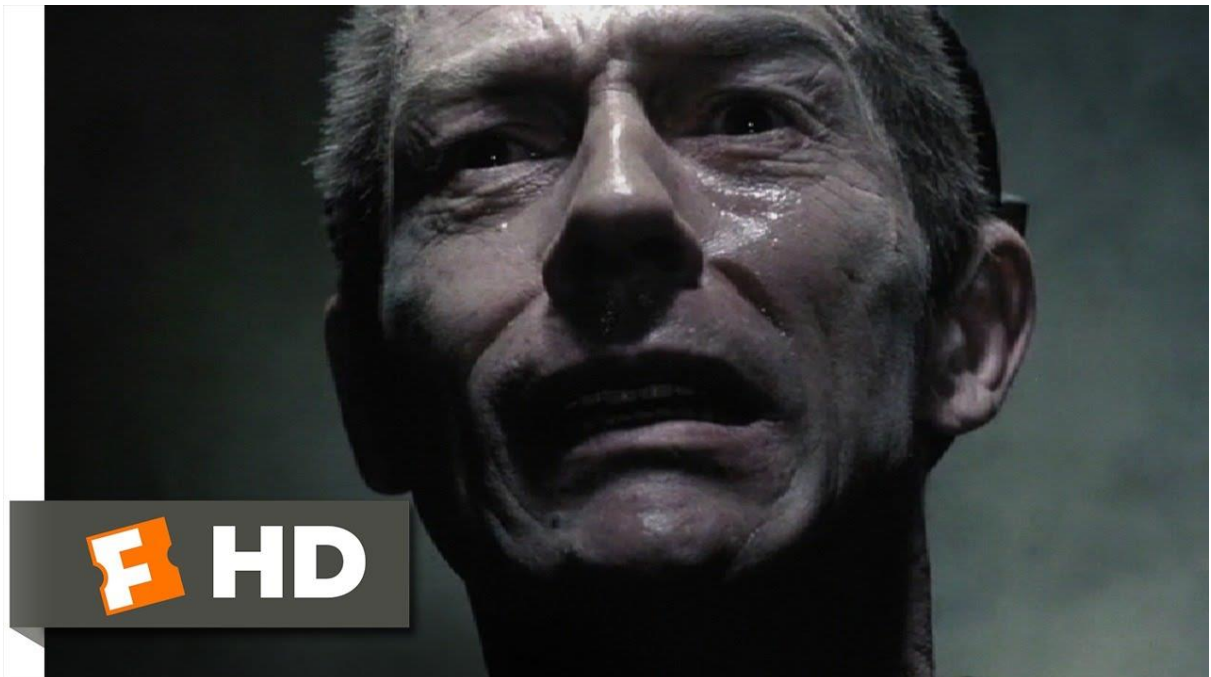


Figura 15: Exemplo de Enfoque D



Figura 16: Exemplo de Enfoque E



MINUTAGEM

00:09 ~ 00:20 - “Quem controla o passado, controla o... Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado”

00:21 ~ 04:52 - Partido IngSoc; Apresentação dos Dois minutos de ódio para a massa (Construção da nacionalidade e construção do inimigo interno - Goldstein)

“Esse é o nosso povo, trabalhadores, forjadores, construtores, esse é o nosso povo, os construtores do nosso mundo...”

10:35 ~ 11:05 - Apresentação da rebeldia de Winston, representada pelo caderno escondido da teletela.

27:55 ~ 30:37 - Surgimento do relacionamento entre Winston e Julia.

44:18 ~ 46:42 - Apresentação dos privilégios normalmente negados a quem não pertence

ao núcleo do Partido.

01:02:30 ~ 01:05:40 - Surgimento de O'Brien como um rebelde simpático a Winston.

01:12:40 ~ 01:15:05 - A prisão de Winston e Julia pelo Partido.

01:18:30 ~ 01:19:10 - Revelação de que O'Brien traiu Winston.

01:35:10 ~ 1:40:40 - Desfecho, com a vitória do Partido.